

**ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
aPErj – RIO 4**

SUPLEMENTO CIENTÍFICO

Nº 9 - Outubro/2006

EDITORIAL

Outro número do nosso Boletim, questionando posições teóricas e práticas pertinentes ao fazer psicanalítico. Em nossos trabalhos, renovamos o pulsar de idéias e indagações presentes na prática cotidiana, reiteramos a Ética – fio condutor exemplar e fiel.

Boletim Científico com mudanças. Aceitamos artigos de outros autores (que nos interessem no momento), bem como avisos, resumos, resenhas. Artigos ligados à cultura também, dos tempos atuais ou não, mas que reflitam e agucem o olhar psicanalítico. Necessário enfatizar o valor de nossa produção, testemunhando caminhos e lutas.

Ana Lia

AVISOS

Notícias da Presidência

Neste primeiro período de nossa administração realizamos seis reuniões de diretoria, todas nas primeiras terças-feiras de cada mês. Durante estas reuniões tratamos de implementar nossa política institucional para a APERJ.

Cuidamos de incentivar uma política científica que cuidasse sempre de estimular a produção científica dos colegas. Ora indicando alguns para apresentar suas idéias em encontros nacionais e internacionais, ora que discutissem seus trabalhos em sessões científicas na Sociedade.

As finanças foram organizadas de acordo com nossas necessidades organizacionais tratando da manutenção estrutural da APERJ.

A situação de ensino aos candidatos foi reformulada em alguns aspectos que apresentaram pontos necessários ao melhor aprendizado para a formação de novos psicanalistas.

A secretaria cuidou da comunicação interna e externa da sociedade, colocando atualizada e diretamente todas necessidades que se apresentaram dentro e fora da APERJ.

As relações com a comunidade foram estimuladas por vários meios de comunicação e assistência, tendo tal atividade acompanhamento de supervisão institucional dos atendimentos realizados.

As publicações se mantiveram dentro das possibilidades apresentadas e o mais regularmente possível.

Estivemos presentes a três reuniões da ABP tendo nesses encontros discutidos todos os assuntos pertinentes a integração das sociedades brasileiras com a FEPAL e a IPA. Sendo que a última, do Conselho Profissional da ABP, que tratou do parecer legal acerca da regularização da atividade de psicanalista.

As duas reuniões da Fepal, que se realizaram respectivamente em Montivideo e em Lima, esta última durante o Congresso da FEPAL. Na primeira encaminhamos nossa filiação legal a FEPAL. Na segunda, durante a assembléia de membros, fomos formalmente admitidos como membros plenos da Federação Psicanalítica Latino-Americana.

Cláudio Campos
Presidente da APERJ

Notícias do CAC

O CAC vem dando continuidade ao atendimento á Comunidade, com encaminhamentos aos colegas candidatos -- o movimento foi mais intenso em junho e julho, havendo uma queda na procura, neste dois últimos meses.

--- Iniciamos as reuniões de supervisão, com a, apresentação de casos clínicos, pelos candidatos --, dando assim continuidade à uma solicitação por eles feita anteriormente à mudança de Diretoria.

As supervisões foram feitas por Dr. Heladio Miziara e Dra. Rosa Albé. Já temos programadas mais duas - em outubro e novembro, --- Aproveito para convidar aos demais colegas a participarem desta atividade, dando oportunidade aos candidatos de conhecerem outros membros de nossa Sociedade.

Aos interessados peço que entrem em contato comigo.

Um abraço a todos

Leila Fandiño

CONTRIBUIÇÕES

PARADISE NOW

Amos Oz: “O fanatismo é, com freqüência, intimamente relacionado a uma atmosfera de desespero profundo. Num lugar em que as pessoas sintam que não há nada além da derrota, humilhação e indignidade, podem recorrer a várias formas de violência desesperada.”

Said e Khaled, palestinos que vivem no campo de refugiados, mantêm diálogos em que se exalta a liberdade, a necessária luta contra o poder e a inferioridade e exaltam a morte e a ausência do medo da morte como instrumento da guerra e libertação do destino de invadidos e oprimidos.

Jamal, um dos líderes da resistência palestina avisa a Said que o movimento decidiu responder ao assassinato de dois de seus membros, o que deverá acontecer no dia seguinte. Eles foram escolhidos e levarão explosivos no corpo, devendo matar o maior número possível de soldados. Irão os dois juntos, como queriam.

O líder maior da resistência, tratado como lenda viva por Jamal, vem cumprimentá-los pela missão e diz aos dois: “depois que vocês ascenderem ao Paraíso, cuidaremos de tudo aqui e comemoraremos a coragem heróica de vocês. Suas famílias serão protegidas. Essa é a 1ª grande operação desde há dois anos. O mundo vai se surpreender.”

Depois disso, sentam-se todos numa comprida mesa retangular, que evoca a Última Ceia de Jesus, de frente para a câmara e voltados para os espectadores, ou seja, para o mundo, como se fossem os últimos momentos dos dois e a hora em que são oferecidos os corpos dos dois, (esse é o meu corpo, esse é o meu sangue) em sacrifício, pela causa palestina.

Suha nasceu na França e foi educada no Marrocos e é uma personagem que critica o uso de homens-bomba: “vocês estão dando um alibi para Israel continuar”. Conversando com Khaled sobre o paraíso, Suha afirma com veemência que **o paraíso não existe**, deixando-o muito impressionado.

Said vive no campo de refugiados, onde há, aparentemente, dois papéis sociais: o **opressor** de um lado e o **oprimido**, excluído, rejeitado e perseguido do outro lado. Said está engajado no movimento de resistência à ocupação

israelense. Ao lugar de palestino, herdeiro da injustiça e da derrota dos avós, acrescenta-se a dor de seu pai ter sido um colaborador de Israel e ter sido executado quando Said tinha 10 anos. Além do confinamento e isolamento do mundo, próprios do campo de refugiados, na própria sociedade palestina, ele é obrigado a conviver com essa imensa **vergonha e humilhação** e se vê diante de uma outra alternativa social: de um lado, o **ódio e perseguição aos colaboradores** e por outro lado, o **reconhecimento e admiração pelos heróis, mártires**, homens corajosos que não se submetem ao poder e que mantém viva a chama da resistência, lutando pela liberdade e contra a opressão.

No início do filme, na oficina de carros onde Said trabalha, um cliente queixa-se que o parachoque do carro está torto. Said não concorda e inicia-se uma discussão que termina quando o homem diz que o parachoque está **torto como o seu pai**.

A conversa no bar presenciada por Khaled, quando um homem fala com ódio dos colaboradores que devem ser assassinados e esquartejados, bem como suas famílias e vizinhos, deixa bem claro o trauma narcísico e a ameaça permanente de ter tido um pai colaborador e como deve ser difícil para Said ser visto e identificado como o **filho do colaborador**. Ele diz a Suha que ela tem sorte de ser filha de Abu Azzam que é um mártir, morreu como herói e que deve sentir orgulho dele. Conversando com a mãe sobre o pai ela lhe diz que é impressionante como ele é parecido com ele. A resposta para a vergonha, sentimento de insuficiência diante do ideal, e para a inferioridade e a honra ultrajada poderia ser dada pela glória e o orgulho do herói. Tornar-se motivo de orgulho, escolher o outro papel social, o do herói, é para Said forma de diferenciar-se do pai fraco e colaborador e de ganhar uma identidade própria que mereça reconhecimento. Esse não é o drama de Suha já que ela não foi submetida a esse trauma o que permite que ela não fique aprisionada ao narcisismo e escolha a importância da relação com o pai, respondendo a Said dizendo que preferia ter o pai vivo a ter orgulho dele.

Na conversa com o líder, Said fala do sentimento de humilhação: **“O maior crime da ocupação é explorar a fraqueza das pessoas tornando-os colaboradores. A vida sem dignidade não tem valor, sobretudo quando você vive diariamente a humilhação e fraqueza.”**

René Roussillon nos diz: **“Humilhar o outro é tentar levá-lo a uma rendição de sua própria alteridade, de sua subjetividade singular, é tentar realizar a morte de sua existência como sujeito separado, é tentar levar o outro a se renegar e a renegar sua subjetividade para se mostrar sob o jugo de um “senhor” assim reconhecido. O sujeito humilhado deixa o seu status de sujeito para se fazer simples objeto de poder do outro.”**

Essa necessidade de Said é bem aproveitada por Jamal que lhe diz: **é você a pessoa que vai transformar as coisas!** O líder da resistência fala que é uma grande **honra** vê-los antes de irem e que nem todos têm a **honra** de serem escolhidos para essa missão: **tenho orgulho de vocês!**

Winnicott ressalta a importância da autonomia e da liberdade para a viabilização do SER, que constitui a única base para o sentimento de existir e para a construção de uma identidade. É no espaço transicional que vai ser experimentada e exercida a criatividade, através de uma relação pessoal e espontânea com o mundo e é um espaço cuja invasão desencadeia defesas primitivas e intensa vivência persecutória. Diz ele, além disso:

“A submissão traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à idéia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida.”

Said nasceu em um campo de refugiados. Só passou para o lado ocidental uma vez, aos seis anos, para realizar uma cirurgia. Vive aprisionado ao lugar de excluído, rejeitado, sem raízes e marginal como todos os refugiados.

Hannah Arendt, em “Origens do totalitarismo”, afirma que o governo totalitário, através do isolamento dos homens destrói suas capacidades políticas. Esse isolamento se torna insuportável, quando se destrói a forma mais elementar de criatividade humana, que é a capacidade de acrescentar algo de si mesmo ao mundo em redor. No mero esforço de se manter vivo, desaparece a relação com o mundo como criação do homem...a experiência de não se pertencer ao mundo, **é uma das mais radicais e desesperadas experiências que o homem pode ter. Não ter raízes significa não ter no mundo um lugar reconhecido pelos outros; ser supérfluo significa não pertencer ao mundo de forma alguma.**

Na conversa com o líder revolucionário que lhe diz que perdeu a confiança nele, Said afirma que não volta ao campo de refugiados. Ele não pode continuar a ser visto apenas como o filho do colaborador, um fraco e traidor. A cena no relojoeiro em que vê os vídeos dos mártires e heróis e de colaboradores, antes de serem executados, vídeos que são alugados ou comprados para serem vistos, dá a perfeita noção da importância desses dois papéis no cotidiano dos palestinos. Said apressa Suha para sair da loja do relojoeiro, com medo que apareça o filme de seu pai. A opção social que lhe resta é o lugar de homem-bomba, herói, que vai permitir que ele reverta a situação em que sempre viveu, perseguido e aprisionado à vergonha, tornando-se autor e sujeito de sua vida. Ele só pode ir em frente. Isso tem o sentido do resgate da liberdade como também o meio que conhece para vingar, reparar e restaurar a imagem do pai.

Khaled, seu companheiro de missão desiste, e a desistência é possível, porque não tem essa dor a ser resolvida. Na gravação do vídeo para sua despedida, depois de um discurso exaltado, Khaled se percebe sozinho e diferenciado, quando vê o grupo comendo e com problemas técnicos na câmera, indiferente à dramaticidade e importância de sua escolha. Mas sua desistência parece estar ligada à afirmação de Suha, membro da resistência, de que o paraíso não existe, afirmação que o deixa muito perturbado. Nessa linha, o filme sublinha as determinações políticas mais do que as religiosas na atuação do homem-bomba.

Said não é psicótico nem psicopata, é um homem desesperançado de qualquer possibilidade atual e futura de existência social digna e autônoma e em seus diálogos evidencia aquilo que constitui a condição humana mínima para existir. O filme vai construindo cuidadosamente sua escolha final como herói que vai para o nada absoluto estourando uma bomba num ônibus cheio de soldados, como a expressão possível de sua revolta e independência. É uma forma de antagonismo radical contra uma situação mortífera. Liberta-se da sina de aprisionado à mera sobrevivência, passando a viver, paradoxalmente, através de sua morte na recusa radical da opressão, do aprisionamento e submissão. Ele não se deixa morrer da morte determinada pelo opressor e escolhe sua própria morte, morte singular, único espaço de liberdade e criatividade que lhe restou.

“nosso corpo é tudo que temos, é nossa única forma de lutar contra ocupação sem fim”

Rosa Albé
Membro efetivo da APERJ-Rio4

QUEM VESTE A BOMBA?

Por Roberto Petti Pinheiro

Sempre que um homem-bomba ou mulher-bomba se explode em alguma zona de guerra, na maioria das vezes em Israel, praticamente todas as atenções se voltam para as vítimas ou para os riscos que corre a paz nessas regiões. Poucas e apressadas explicações buscam os motivos que levaram aquelas pessoas a cometer tais atos: fanatismo religioso? Ideologia? Loucura? Que conflitos, dramas pessoais e histórias de vida estão por trás dos homens-bomba? Afinal, quem é a pessoa que veste um cinturão carregado de explosivos e, em determinado momento, puxa o gatilho?

É esta pergunta que o filme *Paradise Now* (*Paradise Now*), de 2005, dirigido por Hany Abu-Assad, cineasta palestino nascido na cidade de Nazaré, em Israel, e radicado na Holanda, procura responder a partir das histórias de Said (Kais Nashif) e Khaled (Ali Suliman), dois rapazes comuns a quem restam poucas opções de vida e de trabalho em Nablus (uma das maiores cidades palestinas na margem oeste do Rio Jordão) onde vivem. Eles pouco se assemelham ao que nossa imaginação ocidental costuma taxar de fanático muçulmano ou terrorista clássico: Said e Khaled não vestem fardas militares, não carregam fuzis AK-47 a tiracolo e têm uma aparência tão familiar que facilmente, ao entrar em Israel, se passam por colonos israelenses que vivem nas vizinhanças de Nablus.

O roteiro peca em alguns momentos por apenas pincelar como foi a cooptação dos dois amigos de infância para se transformarem em homens-bomba e deixa mais dúvidas do que respostas. Terá sido o proselitismo político-religioso do prof. Jamal (Amer Hlehel), a promessa do Paraíso cercado de virgens, o histórico pessoal dos dois, a falta de escolhas ou eles simplesmente se ofereceram como voluntários? A decisão de se auto-explodir é tão complexa e multifacetada que, provavelmente, não há uma resposta única. Ela está em cada uma dessas perguntas.

Pouca coisa pode-se dizer do misterioso prof. Jamal, personagem que merecia ter sido mais explorado. Se foi ele quem os induziu ao martírio – ou, dependendo do ponto de vista, ao suicídio ou ao terrorismo ou a ato de extremo desespero –, que relação mantinha com os dois jovens? Apenas sabe-se que ele, depois de encontrar Said para comunicar que sua hora chegara, foi muito bem recebido e hospedado pela família do rapaz, o que demonstra certa

intimidade com a mãe (Hiam Abbass) e os dois irmãos (Amjad Al-Imlah e Nour Abd El-Hadi) de Said.

A falta de escolhas é mostrada através de uma Nablus parcialmente destruída pela guerra, pelo desemprego, pelo subemprego, pelas barreiras impostas pelo exército israelense, pelas bombas que caem constantemente vindas dos dois lados em guerra, pela água poluída. A falta de oportunidades é tão grande que, quando Said diz para a mãe que vai se ausentar no dia seguinte, ela pensa imediatamente que Israel abriu as fronteiras para quem quiser buscar trabalho.

O histórico pessoal dos dois rapazes aparece na maneira como se referem a seus pais. Khaled diz que preferiria que o pai (Yosef Abo Dheir) tivesse perdido as duas pernas para os israelenses ao invés de ter negociado manter uma, e parece querer vingar a humilhação sofrida. Said vive perseguido pelo fantasma do pai (com quem se parece), executado por ser colaboracionista, e busca, com seu ato, resgatar a honra da família.

O contraponto político é dado por Suha (Lubna Azabal), filha de falecido líder palestino, moça ocidentalizada e independente – além de dirigir o próprio carro, é a única personagem feminina que não usa véu. Namorada de Said, é ela quem questiona a validade da luta terrorista e desafia a religião, pondo em dúvida a existência do Paraíso. Ela consegue fazer Khaled, inicialmente o mais decidido dos dois, mudar de idéia, mas não tem a mesma sorte com o namorado.

Na narrativa de *Paradise Now* (*Paradise Now*), duas seqüências merecem ser destacadas. A primeira mostra, com riqueza de detalhes, todo o processo de preparação dos homens-bomba, desde a última noite que passam com as próprias famílias até a hora em que saem para cumprir a missão. Nesta seqüência, é mostrada a gravação do vídeo que apresentará ao mundo quem se auto-explodiu. Enquanto Khaled cumpre o ritual da gravação com toda a seriedade, procurando interpretar o papel de herói, a câmera teimosamente se recusa a registrar sua mensagem de despedida e, ignorando o que para o rapaz é solene, o prof. Jamal e os demais militantes displicentemente comem sanduíches: Khaled morrerá em nome da causa palestina, mas, para quem ficou, a vida seguirá do mesmo jeito. *Paradise Now* (*Paradise Now*) também mostra as orações preparatórias, a montagem do cinturão com os explosivos, feita por um homem (Jamal Shaheen) sem as duas mãos, vítima de suas próprias bombas, e a última refeição dos rapazes. Para filmar esta cena, o diretor reproduziu a *Última Ceia*, de Leonardo da Vinci. Nela, Said senta-se ao centro de comprida mesa, ladeado por Khaled, Jamal e mais 10 outros homens, seis de cada lado. A comparação é inevitável: se Cristo é o mártir dos cristãos, Said é o dos palestinos.

A segunda seqüência a destacar mostra o que acontece depois que, na primeira tentativa, a ação falha. Se, como se diz, na hora da morte, a vida de uma pessoa passa inteira pela mente dela, Said decide visitar a sua própria. Sem ser visto, observa a mãe; vai ao encontro do ex-patrão (Mohammad Bustami); se despede da namorada com tímido beijo; revê como são tratados os colaboracionistas – as fitas nas quais eles confessam, antes de morrer, a colaboração são mais populares do que as de despedida dos homens-bomba; se reconcilia com o pai deitando-se sobre a sepultura dele. É lá que decide levar até o final o plano de explodir-se.

Antes de finalizar sua missão, Said ainda tem a oportunidade de ver a opulência e modernidade de Tel-Aviv, imagem contrastante com a pobreza de Nablus e dos territórios palestinos.

A própria realização do filme foi dramática. A produção, que juntou Israel, Holanda, França e Alemanha, teve de negociar com os dois lados em conflito, além de lidar com uma facção palestina que suspeitava ser o filme contrário aos atentados à bomba. Um produtor de locações chegou a ser seqüestrado e, mais adiante, por segurança, as filmagens foram transferidas para Nazaré.

Quanto à carreira, *Paradise Now* (*Paradise Now*) ganhou, entre outros prêmios, o Globo de Ouro de melhor filme estrangeiro, em 2006, e foi indicado ao Oscar, também na categoria de melhor filme estrangeiro, e ao Urso de Ouro, do Festival de Berlim.

TRABALHOS

A Família no século XXI. Globalização e Psicanálise.

Lindemberg Rocha*
Sheiva Rocha**

Introdução.

Estamos todos assistindo e vivendo transformações vertiginosas na forma de apreender o mundo nesse início de séc.XXI. A consolidação e expansão das conquistas femininas no século passado, o avanço das ciências em especial as biológicas, além da globalização da economia, transformam o mundo a uma velocidade inumana.

A família brasileira hoje tem pouco a ver com a família de cinqüenta anos atrás. A profunda transformação econômica levou de roldão os mais caros valores aos quais estávamos acostumados.

Não só a família vive esse impacto, essa perplexidade, mas, a própria Psicanálise tão útil na compreensão da família, vive um momento de profundo questionamento quanto ao seu alcance no entendimento das novas “patologias”. Seus limites tornam-se cada vez mais nítidos.

As mudanças no objeto do nosso estudo - a família - exigem novas teorias que dêem conta dessas transformações. Do ocaso do Pai, por exemplo.

São essas e outras questões que pretendemos abordar no presente trabalho.

a)A globalização econômica e a transmutação dos valores. A revolução feminina.

Quando tentamos compreender e mais do que isso descrever as transformações simultâneas em áreas tão diversas como economia, psicanálise

e família, etc., corremos o risco de sermos superficiais e pior, de estar falando sobre algo que beira o óbvio, vivido que é por todos nós.

E necessário porem, correr riscos. Não se trata de busca da originalidade, mas apenas o desejo de focar a questão de um ângulo que possa ter passado despercebido e que talvez seja de interesse para alguns dos aqui presentes.

O séc.pastado foi palco de revoluções sociais as mais profundas. A comunista acreditou poder criar um novo homem através da criação de uma sociedade, que seria igualitária. Esse novo homem seria altruísta, corajoso, ético, amando a humanidade e a cada um dos seus membros igualmente. Mostrou-se um terrível equívoco. Milhões pagaram por essa insensatez fruto da cegueira mental que as ideologias produzem.

Uma revolução, a feminista, entretanto, mostrou-se no Ocidente profunda e continuada. Continua diariamente, incansavelmente no interior de cada família, de cada casal. A cada instante é questionado o papel do homem e o da mulher, no casal, na família e na sociedade. Conversa-se intensamente sobre a relação. Assuntos inimagináveis para casais de não muitas décadas atrás.

Não podemos nos esquecer de uma outra revolução, essa nas ciências biológicas, a começar pela descoberta da pílula anticoncepcional que permitiu a mulher ter prazer sexual sem o fantasma da procriação.

Ou seja, á aproximou do homem ao colocar em questão valores milenares que estabeleciam as diferenças de gênero.

Outro avanço da ciência que acredito terá profunda repercussão no nosso imaginário é a constatação que de células tronco de um mesmo individuo, obtém-se tanto óvulos como espermatozóides. A bissexualidade deixa de ser uma potencialidade embrionária, para ser mera experiência de laboratório. Reprodutível a qualquer momento.

Vivenciamos uma outra revolução profunda e que afeta o nosso dia a dia nos mínimos detalhes. É a revolução produzida pelos meios de comunicação e em particular a internet. Esse meio maravilhoso nos faz sentir tão ricos em informação e ao mesmo tempo tão impotentes para dar conta dessa pleora de idéias e conhecimento. De uma era de escassez de informação passamos em pouco tempo, poucos anos, para uma era de excesso de conhecimento disponível. Além disso, trouxe um efeito inesperado na socialização, com o incremento da comunicação inter-tribal, além de outra que diz respeito ao nosso

assunto especificamente, que é desenvolvimento de relações amorosas via internet que em não poucos casos se transformam em casais estáveis. Uma reação sem dúvida a uma vida cotidiana de inúmeros compromissos, uma vida fechada no grupo profissional ou familiar.

O tempo atual, ou seja, a pós-modernidade se caracteriza pelo império da economia global e totalitária que tudo abarca, assumindo assim o lugar da política, da ideologia, das artes, da ética. Com o seu predomínio estremeceram todos os princípios, valores e parâmetros que nos últimos dois mil anos informaram e co-formaram a cultura Ocidental.

Algo parecido ocorreu com a Revolução Burguesa sobre a qual assim se expressaram Marx e Engels em 1848: "Onde quer que tenha chegado ao poder a burguesia destruiu todas as relações patriarcais, idílicas....não deixou subsistir entre os homens outros laços senão o interesse nu e cru, senão o "frio dinheiro vivo." Transformou o médico, o jurista, o padre, o poeta, o homem de ciência, em assalariados por ela remunerados. Tudo o que era estável e sólido desmancha no ar; tudo o que era sagrado é profanado e os homens são obrigados a encarar com olhos desiludidos seu lugar no mundo e suas relações recíprocas.."

Essa onipresença da economia está levando a um incremento da violência com a transformação dos atos violentos em estado de violência, não só violência física mais também simbólica, estando a indicar o fim de um período histórico, não nos deixando antever nesse terceiro milênio se alguma ética será possível, alguma política, alguma ideologia.

Certamente não é o fim do mundo. O fim de um período histórico dá surgimento a outro. Os valores se transformam, mas certamente não de uma forma total. Em uma imagem conhecida, é como uma orquestra que em determinado momento prevalece o piano em outro o violino, às vezes os metais e assim por diante.

Sabemos também que essas transformações não são uniformes e lineares. É como se no seio da sociedade muitos períodos anteriores convivessem inclusive com aqueles futuros e sonhados.

Os jornais, na semana passada publicaram a história de Jeff, um americano líder de uma seita mormom que possui quarenta esposas e sessenta filhos. Após a morte do pai casou-se com suas viúvas, além de outras moças. Exercia

no seu grupo, em torno de dez mil pessoas, um poder sobre a distribuição de mulheres inclusive expulsando os homens que não se adaptavam ao sistema, além de exercer um controle sobre a proporção entre mulheres e homens. Isso hoje, no País mais poderoso do mundo, no século XXI, exatamente como na horda primeva descrita por Freud.

b) A transformação da família.

Constatamos assim que a família, vem nos últimos cinquenta anos sofrendo impactos de toda ordem, o que a tem levado a uma contração de sua própria estrutura. A urbanização acelerada, as exigências econômicas e profissionais cada vez maiores a tem transformado em uma estrutura nuclear, composta de pai, mãe e filho, ou seja, uma estrutura mínima. Como em outros países mais “desenvolvidos” a família extensa composta por parentes e aderentes vai se tornando lembrança dos avós.

Essa transformação traz em si uma maior fragilidade dos vínculos familiares. Não se trata das pessoas estarem se gostando menos, mas simplesmente, os encargos financeiros, os desafios profissionais a exigüidade do tempo livre além da capacidade emocional exigida para a manutenção de uma família, tornou-se uma tarefa impossível para um numero cada vez maior de casais. Como era de se esperar, uma maior freqüência de separações com todos os sofrimentos inerentes. Como resultado disso tudo, as relações se tornam descartáveis, líquidas.

Grande parte dessas solicitações eram compartilhadas e resolvidas por um grupo maior. A família extensa.

Ora, os tempos mudaram, mas não as necessidades e por isso mesmo tenta-se continuamente novas formas de organização. Com freqüência a reprodução da família extensa, mas só que agora com parceiros diferentes e filhos de casamentos diversos.

c) Os limites da psicanálise.

A família sempre foi objeto de estudo das ciências sociais. Como estrutura intermediária entre o indivíduo e a sociedade sempre foi o lugar privilegiado para o estudo tanto do indivíduo como da sociedade a qual ele pertence. No seu interior é que se processa a corporificação, a carnalização de valores e costumes de uma determinada sociedade.

Para Freud a família foi considerada predominantemente como uma estrutura mental. O que chamamos hoje de família interna. A família mítica. A família do pai primevo.

Aquilo que tomou conta do seu interesse foi o indivíduo, embora tenha colocado como núcleo central da neurose o complexo de Édipo, ou seja, os dramas míticos de uma família.

Os desafios que a psicose trouxe para o método analítico levaram a busca de alternativas terapêuticas que englobassem algo mais que o indivíduo. O surgimento da loucura mostrou-se uma tarefa que ultrapassa o indivíduo. Daí surgiu a terapia do grupo familiar. Se a família por si só não produz a loucura, o seu entendimento e cuidado passa por ela.

Sabemos que quando há mudança de objeto, isso acarreta uma mudança de método. Assim quando falamos em análise do grupo familiar, estamos falando de uma aplicação de um método, o psicanalítico, que certamente tem que sofrer adaptação para incluir técnicas de grupo. O método analítico é usado como guia para a interpretação e aproximação daquilo que o grupo familiar apresenta. Ou seja, continua uma técnica intimista que privilegia a manifestação do grupo á intervenções diretas na dinâmica familiar, usual em outras técnicas e que frequentemente surgem do mero arbítrio do terapeuta.

A abordagem analítica da família, não é a única e provavelmente nem a mais usual. Existem terapias a partir da teoria da comunicação, da arte-terapia, etc.

Na verdade não são abordagens incompatíveis, sendo que alguns conceitos como o do duplo-vínculo são extremamente úteis na abordagem familiar.

d)O ocaso do Pai. Algumas questões.

Há algum tempo atrás recebi o telefonema de uma pessoa querendo marcar uma consulta. Com uma voz que me pareceu de um homem jovem me diz que eu fui indicado por trabalhar com família e que ele estava tendo problemas com o seu filho de cinquenta anos. Surpreso, eu perguntei quantos anos ele tinha? 72 me respondeu.

Além disso, disse ele, quero que o senhor me diga até quando um pai é pai. A pergunta me intrigou, aliás, continua me intrigando.

Considerando o que se considera um bom pai, ele o foi. Cuidou que o filho e as filhas tivessem boa educação, que nada lhes faltasse. Conseguiu economizar o suficiente para dar a cada filho um apartamento no próprio edifício em que morava.

Isto porem facilitou um dos motivos de sua exasperação. Já estando aposentado tinha que ouvir toda seis, seis e meia da manhã a campainha tocar. Era o filho que descia para tomar o café preparado pela mãe, que aliás adorava poder continuar servindo o filho .

Não podia, dizia ele, dar mesada, tinha que ser semanada. Ele gastava tudo.

Após um tempo morando fora, quando se casou e teve dois filhos, coube a ele, pai do pai , dar a pensão para os netos.

È bom lembrar que esse rapaz de 50 anos era um artista razoavelmente conhecido em sua área. Não tinha nenhuma deficiência e nem situações de loucura. Gostava de maconha. Só isso.

Ora o que esse pai, professor universitário, me perguntava, não era até quando legalmente um pai é responsável pelo filho, mas era na verdade um grito de impotência semelhante ao que ouvimos sempre, ou seja, onde foi que eu errei.

Sentimento de impotência que se evidencia quando o filho, com barba já grisalha vem a sessão e me pergunta com toda calma e bonomia: o senhor sabe porque estou aqui? Digo que não e pergunto por quê?

Porque estou muito preocupado com o meu pai, ele anda muito nervoso...

Esse grito de impotência que hoje ouvimos com cada vez maior freqüência é fruto de uma longa historia.

A historia do ocaso do Pai. Questão que, mais do que espinhosa é complexa.

Antes de tudo temos que separar o pai de carne e osso do Pai simbólico.

Este pai de carne e osso vive e viveu as vicissitudes da sociedade ao longo da Historia. Na Roma antiga foi o Pater Familiae, detentor do poder de vida e morte sobre a mulher e os filhos. Entre nós há não muito tempo, vinte anos se tanto, o marido que matasse em defesa da honra era absolvido do seu crime.

Então o que esse pai de carne e osso vive hoje é basicamente a perda da autoridade, do poder.

Como já dissemos a idéia de progresso, no sentido de um maior grau de civilização em termos de relações sociais não se sustenta. Passamos da civilização para a barbárie em um tempo relâmpago. Os exemplos são inúmeros e atuais. Por outro lado, convivem ao mesmo tempo estruturas diversas de família.

A família sobre a qual falamos é frequentemente uma simplificação brutal da realidade.

Mas o que ocasionou o gradual desaparecimento do pai como poder maior dentro da família?

De início as causas sociais. É necessário precisar de que região estamos falando, de que cultura. No caso estamos falando dos países do mundo ocidental de cultura judaico-cristã e que vivem em uma república. Certamente a auto imagem de um pai sempre foi formada a partir do próprio pai e daqueles que socialmente ocuparam o lugar de mando. O Deus pai, o monarca, o papa, o ditador, o tirano, o senhor de engenho, etc.

A Revolução Francesa, em sua reivindicação de –Liberdade, Igualdade e Fraternidade- não só guilhotinou o monarca quebrando a ordem patriarcal, como também serviu de modelo para inúmeras outras revoluções mundo afora. Como já dissemos a História da humanidade não tem um caminho linear e uniforme. A própria revolução francesa entregou a um outro tirano, Napoleão, a condução do País.

Aos trancos e barrancos essa imagem poderosa vai se ofuscando e por conseqüência também a imagem de pai nela calcada.

A revolução burguesa estabelecendo o primado do econômico, não só quebrou as instituições anteriores como também trouxe uma nova ordem não mais fincada em hierarquias de sangue, nascimento, famílias. O surgimento do amor romântico, quebra com uma ordem em que predominava os arranjos de interesses familiares em detrimento do indivíduo. O casamento deixou de ser um acerto entre dois homens (pais) sobre uma mulher (filha).

Os movimentos femininos que culminaram com o que chamamos revolução feminina é algo que, para desespero dos homens, não terá fim. Ou seja, a

reivindicação de direitos iguais, que trouxe profundas transformações no mercado de trabalho, no acesso a educação universitária, no direito de família, etc.,etc.

Alavancando todas essas transformações do lugar da mulher na sociedade, temos as impressionantes descobertas das ciências biológicas, quais sejam os anticoncepcionais libertando a mulher da procriação forçada, a fertilização in vitro, o DNA, que impede ao homem a procriação irresponsável ou 'escondida', a possibilidade de clonagem, enfim da dispensa do homem como procriador.

Conquistas tão impressionantes, tão fascinantes, vão borrando a imagem, a função e a especificidade do homem e da mulher. Se, segundo Freud, o interesse mais profundo da mulher é pelo filho, agora que o homem se tornou dispensável qual a sua função? Como é a relação entre homem e mulher em que um sujeito tenha que deparar com outro de um sexo diferente? Para que eles servem?

Conquistas tão inacreditáveis estamos certos que exigirão um bom tempo para serem integradas no nosso pensamento e emoção. Qual será a repercussão nos casais, famílias e no próprio Direito de Família? E nas teorias psicanalíticas?

Á guisa de conclusão. A família hoje e amanhã.

No breve histórico que fizemos é possível constatar as profundas transformações que a estrutura familiar viveu e vive continuamente.

A família do século XXI é e será uma estrutura em mudança continua sobre dois eixos principais.

a) Por um lado o apagamento da figura do pai como representante do Poder e a exigência que o homem consiga ver e sentir cada vez mais a mulher como um diferente-igual. Igual em direitos, diferente psico-biologicamente. É o eixo sócio-cultural.

Não custa lembrar que o ofuscamento do Pai enquanto lugar de poder na realidade social não ofusca, nem diminui a importância do Pai simbólico que é o agente da interdição. Função que possibilita o rompimento da simbiose mãe-filho. Função, aliás, que pode ser exercido por um homem ou por uma mulher.

b) Um outro eixo alicerçado no avanço das ciências e em particular as biológicas.

Conseguiu-se avanços de importância fundamental, resumidamente:

1) a descoberta e a comercialização maciça das pílulas anticoncepcionais. Desvinculou o prazer sexual da mulher do fantasma da procriação.

2) O DNA como identificador de paternidade. Eliminou a paternidade irresponsável ou "escondida". A gravidez deixou de ser uma preocupação exclusiva da mulher. Por consequência gerou no Direito de Família, a legalização dos chamados filhos bastardos.

3) Fecundação in vitro, que dispensa inclusive a barriga da mãe, que pode ser de aluguel. Além disso, introduz a confusão das gerações, uma mesma mulher poder ser mãe e avó da mesma criança. Um dos sentidos do complexo de Édipo é evitar esse acasalamento entre gerações diferentes.

4) Produção a partir de uma mesma célula tronco de um mesmo indivíduo, tanto de espermatozoides quanto de óvulos. Experimentalmente poderia se produzir um bebê do qual o pai e a mãe seriam a mesma pessoa.

5) Clonagem. Produção do mesmo indivíduo indefinidamente. Promete-se para não muito tempo no futuro.

6) Viagra e assemelhados. Só um dado confirma a sua importância. É a droga mais vendida no mundo. O que demonstra a imensa incidência da impotência sexual verdadeira e da neurótica entre os homens. Sua existência muda de forma drástica a relação do homem com a mulher, pois diminui de forma intensa o medo que o homem tem de penetrar a mulher e que é causa da maioria das impotências. Não estamos esquecendo do efeito encobridor do sintoma. O mesmo que os antidepressivos e anti psicóticos fazem, entretanto a sua importância é difícil de ser subestimada. Essa entretanto, é uma outra discussão.

7) Outras no futuro que como essas há cinquenta anos eram inimagináveis.

A família hoje tem essa imensa tarefa de elaboração dessas inúmeras transformações, tentando sempre adequar a família interna de cada um à sua própria família, na busca de uma harmonia que será sempre instável.

Após tantos séculos, estamos inteiros na observação de Heráclito de que nunca se entra no mesmo rio. A família cada vez mais é esse rio de águas as vezes calmas, outras vezes turbulentas mas sempre em movimento e em mudança.

Nessa tarefa a psicanálise tem um papel fundamental por sua possibilidade de nos levar a pensar e sentir todas essas mudanças, buscando uma maior integração entre o Um o múltiplo de que todo sujeito precisa para construir sua identidade e viver predominantemente feliz.

Referência bibliográficas;

E. Carneiro Leão.

-A ética da violência. Conferência na APERj-Rio4, em 2004-gravação.

Freud.S.-

-Totem e tabu.

- Psicologia de Grupo e análise do eu.

- Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna

Dor, Joel

-O pai e sua função em Psicanálise, Zahar Editores

Marx e Engels.

-Manifesto Comunista. 1948

Roudinesco.E –

-A família em desordem. Editora Zahar. 2003

*Psicanalista. Terapeuta de Família e casal. Membro efetivo da APERj-Rio4

**Psicanalista. Terapeuta de família e casal. Membro efetivo da APERj-Rio4.

TRAUMATISMO E MECANISMOS DE DEFESA Jacques Press

Os trabalhos psicossomáticos nos obrigam a uma revisão e a um aprofundamento da teoria do traumatismo, da qual não paramos de perceber as implicações, tanto teóricas quanto clínicas. Estas incluem efetivamente, de um lado, os fundamentos de nossa teorização. Mas num outro extremo, e de forma estreitamente ligada, elas se encontram, de maneira imediata com a nossa atividade quotidiana e influem diretamente sobre nossa prática com os pacientes.

Começarei por duas observações, uma de ordem geral, e a outra mais pessoal.

A observação geral se refere ao lugar do traumatismo na teoria freudiana. Não me demorarei a buscar, de forma quase caricatural, algumas articulações.

Como sabem, o abandono de sua *Neurotica* em 21 de setembro de 1897, levou Freud a colocar a fantasia no coração de sua teorização e renunciar aparentemente à teoria da sedução real. Foi possível mostrar (Laplanche e Pontalis) que a realidade se acha projetada na pré-história coletiva, que forma uma série de contrapesos no lugar da fantasia. Eu teria pessoalmente tendência a acrescentar que o outro elemento que contrabalança durante esse período o lugar da fantasia, é a ancoragem biológica, corporal. A definição de pulsão é o melhor exemplo, mas a noção desta ancoragem se encontra no momento de dúvida que constitui *Para introduzir o Narcisismo*, fundando aliás a permanência na teoria da dualidade pulsional: Freud escreve que é por “razões biológicas” que ele mantém esta dualidade.

Depois sobrevém a virada de 1919-1920, com *Mais além do Princípio do Prazer*. “Reabilitação” da importância do fator externo e **simultaneamente** colocação em evidência de um fator não-sexual interno, de uma tendência pré-existente à busca do prazer, visando o controle e a repetição, e infiltrando o **conjunto** do funcionamento psíquico, assim como o manifesta o jogo do carretel: portanto os fatores que vão influenciar as obras dos anos seguintes, abrir sobre a invenção da segunda tópica e sobre a retomada teórica de conceitos fundamentais, como o masoquismo e a angústia, mas também a feminilidade e o complexo de Édipo.

E finalmente, o que se poderia considerar como uma abertura sobre um quarto tempo – pós-freudiano-, as últimas observações sobre o traumatismo, contidas em *O Homem Moisés e o Monoteísmo*, em particular com a noção de traumatismos com efeitos negativos.

Portanto, a virada de 1920 não saiu do nada. O estudo das neuroses de guerra e as vicissitudes da própria guerra para o homem Freud, se invocadas, não são mais que os fatores desencadeantes de uma evolução anunciada pelos trabalhos dos anos 1914-1915, e aqui penso particularmente em *Para introduzir o Narcisismo*, e nos dois últimos ensaios da *Metapsicologia*, a saber o *Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos* e *Luto e Melancolia*. Narcisismo de pais que deve tornar a bebê rei – *Sua Majestade o Bebê* – no primeiro destes artigos; sono descrito como sendo “somaticamente um retorno ao ventre materno” no segundo, que introduz também a noção da prova de realidade; ereção do objeto perdido no ego, pelo viés da identificação melancólica no último, esta introjeção – mas sobretudo a perda objetal da qual ela é conseqüência – podendo destruir o narcisismo do sujeito, e o próprio sujeito: o movimento da reflexão freudiana nesses anos é bem aquele de tomar em conta os efeitos do objeto e de sua descontinuidade. Se eu o sublinho, é porque creio que a psicanálise moderna não terminou de realizar o trabalho teórico que consiste em articular aspectos da ligação do objeto de uma parte, e pulsionalidade do sujeito de outro, e que esse ponto nos conduz ao coração do sujeito que nos ocupa hoje.

Vamos agora à minha segunda observação, a que eu chamei pessoal; é assim uma constatação retrospectiva: se eu abordo minha reflexão pelo viés do traumatismo, e se eu tenho estado, no curso desses últimos anos, particularmente interessado neste assunto, isso não é sem dúvida por acaso. Abordar assim o problema das somatizações me permite repensar considerando as coisas ao contrário do que se faz habitualmente em psicossomática: mais do que rotular alguém como bem ou mal mentalizado, eu procuro compreender através de uma investigação o que, para essa pessoa particular, pôde fazê-la transbordar economicamente em função do que viveu e das situações – muitas vezes dramáticas – de sua história.

Irei mais longe ainda e arriscarei uma afirmação provocativa: uma das tarefas essenciais da psicossomática atual consiste a meu ver em nos desvincular de uma visão deficitária do funcionamento psicossomático à qual uma leitura rápida e reducionista da obra de P. Marty arrisca nos aprisionar. Não se trata então de jogar às urtigas a grandiosa construção evolucionista que

constitui o modelo martyano. Mais modestamente, me parece que nosso trabalho atual consiste em aprofundar a compreensão das modalidades de funcionamento que apresentam os pacientes somatizantes, e que é este aprofundamento que nos permitirá em seguida retornar ao modelo, seja para validá-lo, seja para modifica-lo ou criar um outro.

O ensinamento de P. Marty nos mostra com efeito que o efeito econômico de um traumatismo pode ser não o de engendrar reações mentais, mas sim **fazer desaparecer** um funcionamento psíquico, siderá-lo. O que é então evocado aqui é um modelo saído daquele do traumatismo freudiano em sua versão 1920, mas dando uma extensão genial à questão dos efeitos desse traumatismo. Não ficaremos então surpreendidos pelo lugar que ocupem, nas elaborações teóricas dos psicossomáticos, as neuroses atuais. Ora, no ponto em que estamos hoje, uma tarefa importante da pesquisa em psicossomática me parece ser a de confrontar esta modelização com outra que leve em conta os desenvolvimentos teóricos trazidos à compreensão dos estados não neuróticos.

Para citar apenas dois exemplos, a neurose de comportamento, e o funcionamento operatório que a acompanha, e que não tem, sabe-se bem, nada a ver com a neurose, mas não podem mais ser integrados no registro limite. De um outro lado, a reação objetual alérgica tem muitos pontos em comum com certos funcionamentos borderline. Não se pode então aplicar uma teorização sobre a outra, nem jogar uma contra a outra. Trata-se mais de fazer trabalhar os conceitos, as articulações, os pontos de encontro e as diferenças, para fazer surgir novas vias de compreensão.

Por outro lado, eu creio que os pacientes somatizantes nos fazem ver e viver, com uma intensidade particular, o trágico da condição humana, a dificuldade – ao mesmo tempo que a necessidade absoluta – da elaboração psíquica da fonte somática da pulsão que é própria do ser humano, a forma, mais ou menos vitoriosa, mais ou menos lamentavelmente derrotada – mas o resultado não é jamais unívoco – que nós temos **todos**, a cada vez e em graus diversos, de enfrentar esta necessidade e de burlá-la.

“Burlar” evoca imediatamente para mim o qualificativo **kniffig** (que precisamente significa astucioso) que Freud utiliza em seu artigo *A Clivagem do Ego e os Mecanismos de Defesa* a propósito da atitude da criança que, ao mesmo tempo, reconhece a castração e a nega (Freud, 1938). Quer dizer que, contrariamente ao título inicialmente dado ao meu artigo sobre a repressão: A

repressão, recalque do pobre?, eu penso agora que nós nos situamos aqui em um outro registro que toca bem mais nas relações entre clivagem do ego no sentido dos artigos de 1927 e 1938, e transbordamento econômico.

Green escreveu que a oposição neurose-perversão (“a neurose é o negativo da perversão”) que percorre a primeira parte da obra freudiana, dá lugar depois de 1920 a uma oposição neurose-psicose (Green, 1990). Mas talvez se pudesse propor um esclarecimento um pouco diferente e considerar que a oposição neurose-perversão permanece implicitamente central também depois de 1920, mas que ela muda certamente de natureza, sob o efeito da tomada de consideração da psicose, mas não unicamente. Examinemos as coisas mais de perto.

A denegação do fetichista e a clivagem do ego que a acompanha nos permitem ver mecanismos que são próximos dos da psicose, sem que por isso os pacientes sejam de qualquer maneira psicóticos. A perversão “de depois de 1920” não é então mais um positivo da neurose, mas recorre a mecanismos originais. Todavia, contendo uma oscilação no interior do ego entre mecanismos opostos, um dos pólos da oscilação se ancora na **percepção** visual (e não representação) de um objeto – o fetiche – permitindo manter a denegação, ela assinala uma fenda no ego, segundo os próprios termos do artigo de 1924 *Neurose e Psicose*, e por conseqüência, mesmo se o próprio Freud não o desenvolveu expressamente, uma fragilização do ego. Pierre Marty passando por lá, seríamos tentados a pensar que o que fragiliza o ego – de um ponto de vista psicossomático se entende – é talvez menos a clivagem que os dois elementos que lhe são ligados.

O primeiro, é o que acabei de mencionar, a saber o recurso ao perceptivo para sustentar a manutenção do denegado. Quando este predomina, assiste-se a um verdadeiro sobre-investimento do perceptivo, e nos tratamentos desses pacientes, aspectos perceptivos do enquadre, que ocupam a frente da cena de maneira impressionante, o que não me parece ser uniformemente o caso em todos os pacientes operatórios – nisso eu me separo da posição de autores tais como M. de M’Uzan -. O segundo aspecto, talvez o mais importante, é a instabilidade da clivagem, **a oscilação em si mesma**, já que ela assinala o **fracasso** da clivagem como também o do recalque.

A isso se acrescenta o fato de que as formas primárias de fetichização visam negar o que Michel Fain nomeou “os efeitos desintegrantes da ausência” (Fain, 1971), me parecem ocupar um lugar central no funcionamento de certos

grandes somatizantes. O que recobre este termo de “fetichização primária”, que nunca recebeu verdadeiramente o desenvolvimento teórico que merece? Trata-se a meu ver de um mecanismo fundamental, presente a títulos diversos em todos e cada um, e que forma como que um reverso da medalha, cujo verso corresponde à satisfação alucinatória do desejo.

É com efeito através da descontinuidade dos cuidados e da presença maternal que vai nascer a atividade fantasmática. Censura do amante, espaço transicional, aquele do achado-criado winnicottiano, são formulações que dão conta em graus diversos, mas todos importantes, deste estado de coisas. Serei tentado a considerar que a necessidade das “condições adequadas” necessárias para que se mantenha uma certa qualidade de funcionamento mental, e sobre as quais P. Marty e depois M. Fain tanto insistiram, ressalte de fato um tal mecanismo, visando colmatar, obliterar um estado de desamparo primário ligado às condições primeiras nas quais advém a descontinuidade da presença do objeto e evocam o break-down winnicottiano.

Porque essa descontinuidade traz em si mesma e em seus desdobramentos um “resto” que, se é muito importante, poderá levar a uma perversão do jogo do carretel, jogo que se pode considerar como uma “excorporação do funcionamento mental” (Green). Eu o relembrei (*infra*, p.27-28).

O que eu queria sublinhar no momento, é que estas considerações colocam em evidência uma segunda versão da mudança de 1920, a saber a importância da dimensão econômica, cujo lugar, manifestado no *Mais além do Princípio do Prazer*, será reafirmado em *Análise terminável e interminável*. Vemos esboçar-se uma teorização que articularia trauma e clivagem em uma “dupla”, para retomar os termos de T. Bokanowski em seu notável trabalho sobre o *Diário Clínico* de Ferenczi (Bokanowski, 1996). O artigo de referência, mais ainda que aquele da confusão de línguas entre adultos e crianças, me parece ser as notas póstumas intituladas *Reflexões sobre o Traumatismo* (Ferenczi, 1932), que contém intuições teórico-clínicas totalmente fundamentais. Esta linha de pensamento poderia nos levar a aprofundar a questão das modalidades de clivagem e nos levar até os “dinamismos paralelos” e às “cadeias laterais” que são as formas sob as quais a noção de clivagem aparece, por conta própria, na obra de Marty.

Por outro lado, convém ressaltar que é no mesmo tempo em que ele afirma a existência de um “mais além” do princípio do prazer, que Freud coloca

em primeiro plano este aspecto econômico. Que se tratasse da neurose traumática, do jogo do carretel ou da compulsão à repetição, seu lugar é evidente. Os próprios exemplos escolhidos por Freud, mais que tudo seu desenvolvimento, sublinham um ponto fundamental, a saber que o traumatismo não é mais inteiramente, ou mais necessariamente inteiramente sexual.

Mas também: os efeitos do traumatismo são **na verdade** efeitos de dessexualização e eles revelam uma tendência pré-existente anti-sexual, tendência primeira dita por Freud, no interior do psiquismo. Isto é particularmente evidente no caso da neurose traumática, mas é também o caso de todos e de cada um, como mostra o exemplo da compulsão à repetição, e, é preciso esperá-lo, no exemplo do jogo do carretel (um menino que não brincasse com um carretel me pareceria bem mal partido na vida). A esse propósito, Freud faz, no começo do capítulo V do seu ensaio de 1920, uma observação de grande importância, tanto clínica quanto teórica. Retomando uma idéia mencionada já no início de seu artigo *Introdução à psicanálise das neuroses de guerra*, ele escreve que, pelo fato da ausência de para-excitação sobre a vertente interna do aparelho, “as transferências de excitação interna adquirem uma importância econômica preponderante e ocasionam muitas perturbações econômicas comparáveis às neuroses traumáticas”. Esta observação introduz então a noção de uma **potencialidade traumática interna**, traumática sendo aqui tomada em sua acepção econômica.

Vocês me dirão que tudo isso é muito bonito, mas muito teórico. Eu não penso assim, e vou tentar explicar a vocês em quê. Acredito com efeito que esta potencialidade traumática interna, nós a vemos quotidianamente em nossa prática, em particular psicossomática, mas sem dúvida não somente. Tomemos um exemplo.

Estou atendendo recentemente em investigação uma mulher de 43 anos, que sofreu há um ano uma mastectomia por um câncer de seio, e que seu oncologista me enviou porque ela se encontra nervosa, angustiada, vagamente deprimida, em um tipo de estado de alerta permanente (características que não podem deixar de evocar a depressão essencial). A primeira coisa que ela me diz, é: “isso me torna extremamente nervosa de vir vê-lo, de me encontrar diante de um psiquiatra; eu teria preferido um psicólogo, mas meu oncologista me disse que você é um especialista, e além disso você é reembolsado pelo seguro de saúde”. À minha pergunta sobre o que a deixa nervosa, ela responde que são os loucos que vão ao psiquiatra. E o que segue quase imediatamente no curso de seu discurso? “Você sabe, esta angústia, é exatamente a que eu

tinha quando me irradiaram”. Ela não pode descrever com precisão a que associava esta angústia, mas menciona o fato de que não tem filhos.

Eu preciso de um pequeno momento para compreender que se trata da irradiação dos ovários motivada pelo fato de que seu câncer, pré-menopáusico, era hormono-dependente. Eu me coloco interiormente a questão: a “loucura” teria algo a ver com sua relação com a maternidade e os homens? E efetivamente o motivo alegado para a consulta é sua insatisfação na sua relação conjugal com o homem com o qual ela vive há dez anos, e que não tem “por minha culpa”, explica ela, mais desejo, e encontros sexuais com ela há 7 anos. Homem pelo qual ela renunciou definitivamente, há 3-4 anos, a retomar uma relação com um outro homem, com quem ela tinha uma ligação passional e que queria vir viver com ela.

Eu só vi esta paciente duas vezes, mas eu estaria tentado a pensar que sua “loucura” reside precisamente em sua aspiração pulsional para encontrar ao homem apaixonadamente investido, e na escolha que ela se viu levada a fazer em um momento dado por uma relação que a põe ao abrigo desta loucura, e assim ao abrigo de seu desejo. Poder-se-ia crer que se trata de uma problemática histórica, e a histeria não está de certo ausente neste caso, mas reduzi-la a isso passaria ao largo de alguma coisa essencial. Este essencial reveste um duplo aspecto.

De saída que a intensidade pulsional em causa em suas relações amorosas dá a seu investimento a qualidade de “loucura”, tomada aqui no sentido da “loucura pessoal” segundo A.Green. Neste nível, nos encontramos então diante de um funcionamento limite.

Mas também que o momento da escolha, escolha anti-pulsional no sentido da genitalidade – mas escolha pulsional na medida em que se trata muito provavelmente de uma escolha maternal – conduz a um transbordamento no sentido preciso da notação freudiana que acabei de ressaltar: os efeitos da excitação interna são então “comparáveis aos da neurose traumática”. Farei voluntariamente a hipótese de que, deste ponto de vista, o momento traumático na história desta paciente foi o dessa escolha, que reativou há um ano a irradiação ovariana, que reativa agora a confrontação com o psiquiatra que eu sou, e na qual a revelação (houve muitas vezes questão neste aspecto de “se revelar”) provoca uma ferida narcísica intolerável.

Este movimento no qual o conflito se torna difícil de engolir psiquicamente, eu o qualificarei de **co-excitação às avessas**: a quantidade do

pulsional traz em si um efeito de transbordamento econômico cuja importância, de um ponto de vista psicossomático, não deveria ser subestimada. Sou assim levado a pensar – é um ponto importante mas que não poderei desenvolver aqui - , que a montagem pulsional traz **em si mesma, em sua essência** – os riscos de uma disjunção entre a fonte somática da excitação e o trabalho psíquico ao qual ela dá lugar e que é nesta disjunção que se libera o que nós chamamos com um mau termo pulsão de morte. Em outros termos, haveria, no interior do **Grenzbegriff** que é a pulsão, na sua constituição mesma, uma potencialidade de disjunção traumática-econômica.

O que quer que isso seja, os efeitos desta co-excitação às avessas são consideráveis.

Efeitos psíquicos de saída: a moção pulsional inassumível não pode mais ser tratada psiquicamente; ela não tem mais verdadeira localização tópica, e adquire um caráter que eu compararia voluntariamente aos objetos bizarros bionianos. Ela contém, é o ponto que eu desejo sublinhar, mecanismos de controle que não têm mais a ver com o princípio de constância, mas visam à extinção pulsional: “eu não quero, eu não quero pensar”. Ter-se-ia reconhecido ali a repressão, à qual, seguindo C.Parat, eu atribuo uma importância clínica e teórica fundamental. Quando se a encontra em uma investigação, pode-se ter certeza de que ali se produziu um transbordamento, que é ali que o essencial do trabalho deverá levar, ali também é preciso fazer a prova da “prudence du démineur” de que fala P. Marty.

Efeitos somáticos a seguir: neste aspecto aluno fiel de Marty estou convencido que com um certo treino se pode freqüentemente decodificar no curso de uma investigação o que foi traumático para um paciente, o que, psicossomaticamente falando, forneceu o ponto de partida da desorganização. Em seguida se pode refinar, compreender melhor os pesos e contrapesos. Mas o que eu queria sublinhar é que se pode chegar desde as sessões de investigação a um certo grau de compreensão daquilo que é traumático – no sentido de transbordamento econômico – para um dado paciente. Esta compreensão não decorre somente – e em minha opinião nem tanto – da narrativa de sua história, mas sim da natureza da interação transfero-contratransferencial em todos os primeiros encontros, assim como da atenção dedicada à parição dos mecanismos de repressão e à sua dinâmica em sessão (quanto à atenção dedicada neste gênero de pacientes aos movimentos no próprio interior da sessão, e a seu manejo, eu tenho uma dívida particular à atenção de A. Green).

Estes mecanismos, como se manifestam? Como vocês compreenderam, se trata de uma tentativa de apagamento, **na urgência** – é um ponto importante – de uma moção cuja intensidade é insuportável, e que está lá, à flor da consciência. Nos casos menos graves, o sujeito pode em um segundo tempo nomear as representações em causa, mesmo se não capta bem quais são os pesos e contrapesos (os fatores envolvidos). É classicamente o caso nos portadores de enxaqueca por exemplo. Mas muitas vezes as coisas se passam de outra forma. O paciente sente uma emoção intensa, que transborda, pode fazê-lo chorar por exemplo ou provocar uma crise de angústia, ou sensações físicas (dor, tensão), sem que ele possa de todo dizer a que se referem estas manifestações.

É a esse propósito que eu evoquei os objetos bizarros. Esta referência me parece mais apropriada quando se tem com esses pacientes o sentimento de ver persistir os “pensamentos” – quanto a mim empregarei de preferência o termo de moção pulsional – além do enquadre mental para pensá-los – nos termos novos bionianos o pensador – implodiu sob o efeito da pressão pulsional. (Por falar nisso: haveria um trabalho interessante a fazer, que confrontaria a noção de pensador com o Pré-consciente martyano). Dito de outra forma e com risco de me repetir, a aparição de mecanismos de repressão assinala o lugar, o topos, do transbordamento econômico. É um ponto sobre o qual vale a pena insistir: eu seria tentado a pensar que a repressão nos faz ver, clinicamente, o lugar onde **fracassam** os mecanismos psíquicos habituais, quer se trate do recalque, mas sobretudo como já assinalei antes, da clivagem e da denegação.

Convém aliás ressaltar que mecanismos idênticos podem se ver em quadros somáticos muito diferentes. A história da paciente que contei brevemente, este conflito entre um vínculo (provavelmente de natureza maternal) sufocante mas indispensável e uma pulsionalidade vivida como desabrida e violenta, eu a reencontrei sob uma forma bem próxima em muitos alérgicos. Mas neles é a crise de asma que põe fim – provisoriamente pelo menos – ao impasse. Esta diferença tem implicações práticas (e também teóricas, mas não terei tempo de me estender nisso) bastante consideráveis. Se, com efeito, pode-se por vezes correr o risco de desencadear crises de asma quando o conflito vem a tona na transferência, a questão é outra nas desorganizações graves.

Esta última observação parecerá banal àqueles dentre vocês que têm familiaridade com o pensamento psicossomático. Desconfiemos das evidências. Duas questões se colocam aqui. De saída o fato que efetivamente, o tratamento de certos somatizantes pode passar por um período de relativo agravamento de seu estado. Saber se isto é suportável e se vale a pena passa por uma avaliação cuidadosa e contínua dos “batalhões presentes” para falar como Freud (Freud, 1937). De outro lado, é preciso que nos inclinemos sobre os casos mais graves, e a representação que se pode fazer deles. Aqui o problema é ao mesmo tempo eminentemente teórico e totalmente clínico: nossa maneira de o encarar tem conseqüências imediatas sobre nossa atitude em sessão.

Nesses últimos casos com efeito, a intensidade da moção pulsional tem por efeito fazer implodir o enquadre que permitiria pensá-la. Duas noções me parecem aqui essenciais. De saída a noção de sobrecondensação, desenvolvida por M. Fain, que utilizou para este propósito o termo de “condensação de balas vermelhas”. Trata-se na maior parte do tempo de situações onde se produz uma condensação entre emergência pulsional e perda objetal, tendo um efeito de coisificação (Fain fala de castração coisificada dando o exemplo de um projeto de natureza edipiana brutalmente interrompido), um reenviando imediatamente ao outro, sem o jogo que permite habitualmente o deslocamento que lhe é normalmente associado. Acrescentarei, o que me leva à segunda noção, que esta sobrecondensação contém uma **degradação de sentido** e por aí uma **degradação na qualidade da moção pulsional considerada**. Seria errôneo ao meu ver falar aqui em termos de recalco ou de clivagem lá onde é a **qualidade** da dita moção que está afetada, o que lhe dá seu caráter não metabolizável e a submete à repressão.

Lembremos para concluir este breve percurso de uma outra figur teórica, aquela do jogo do carretel que já mencionei brevemente e do qual sublinhei o caráter de figuração do funcionamento mental. A degradação que mencionei vai ter por efeito imobilizar o jogo mental, de duas formas principais. Por vezes é a tentação – e a tentativa – de destruir o fio já que ele é o signo, a testemunha, do vínculo objetal. Em outras ocasiões, é mais uma forma de rigidificação do vínculo que se assiste: não é mais um fio que permite brincar de **fort-da**, de fazer desaparecer e voltar o carretel; o fio está transformado em cabo de aço, mantendo o objeto acorrentado, em uma presença/ausência imóvel. É a esta figura que darei o qualificativo de fetichização primária. Muitas vezes uma e outra solução se alternam.

A prioridade será desde logo (re)constituir um enquadre que permita a essas moções serem pensadas e faladas. Pode-se exprimir as coisas dizendo que é preciso reconstituir as condições exteriores “fastes” para retomar os termos de P. Marty e M.Fain, para que a atividade de pensamento possa se desenvolver. Devo avisar que é uma formulação que não me satisfaz mais, ou mais inteiramente; sustentarei em todo caso que nos é preciso ir além. Uma via de busca promissora é a desenvolvida em um artigo recente por R.Roussillon (Roussillon, 1998). Este autor sublinha que a metapsicologia do reencontro face a face deve ser distinguida daquela do dispositivo poltrona-divã: não se trata de psicanálise de um lado, e qualquer coisa que seria uma “sub-psicanálise” de outro; trata-se de qualquer coisa radicalmente **outra**. Roussillon emite a hipótese que no face a face são ativadas, pelo viés do perceptivo entre outras coisas, elementos que reenviam às carências **reais** do objeto na história do paciente e que este seria por conseqüência o enquadre que se prestaria melhor à análise destes elementos. É uma hipótese que merece ser aprofundada e submetida a um exame atento.

Em uma ordem de idéias vizinha, estou interessado, dando-lhe uma conotação particular, à noção de traumatismos de efeito negativo, de que fala Freud em *Moisés e o Monoteísmo*. Traumatismos precoces, narcísicos, “tocando o corpo próprio”, diz Freud, cuja característica seria a meu ver não poder ser integrados de nenhuma maneira à história do sujeito, de não poder ser ligado de nenhuma forma, e que manteriam modalidades particulares de controle visando delimitá-los. A natureza destes traumatismos seria por essência elusiva, “oca”, e forneceria a base do que temos o hábito de etiquetar como “problemas da mentalização”. Uma vez mais me parece importante ir além das definições clássicas, que, por importantes que sejam, arriscam se tornar antolhos, nos impedindo de ver e de **viver** o que nos fazem sentir esses pacientes.

A esse propósito, Stoller mostrou notavelmente como a perversão “forma erótica do ódio” visa ao controle de traumatismos infantis atingindo a identidade – tanto sexual quanto subjetiva – do sujeito. Os psicossomáticos atribuem uma grande importância a estas formações perversas, e fazem prova da maior prudência à sua atenção, evitando a maior parte do tempo de as atacar, visto o risco de desorganização que, a seus olhos, poderia acarretar.

Falta-me lugar para dar-lhes aqui um exemplo clínico; eu me contentarei com uma observação; mesmo se se é pouco atento, não se pode deixar de

perceber a forma pela qual os cenários perversos de certos de nossos pacientes servem para colmatar, para controlar retroativamente, estados de desamparo infantil que transbordaram seu psiquismo; a que ponto também esse desamparo se sexualiza secundariamente – no sentido do que vem em seguida – essa secundaridade sendo o corolário de sua fragilidade; o risco de dessexualização, de transbordamento econômico é constantemente presente e a prudência é totalmente justificada. Experiência feita, creio que não é impossível, em certos casos, ter acesso a essas zonas de (não)funcionamento. Isso depende por certo das capacidades do paciente para reinvestir narcisicamente (ao nível do narcisismo secundário) estas zonas de não funcionamento. Mas isso depende também da equação pessoal de cada um – falo aqui do analista psicossomático que leva tais tratamentos – de sua capacidade de manter, no **mesmo movimento**, uma função de enquadre que guarde sempre vivo, mesmo num cantinho, uma **visão** interpretativa.

Uma tal maneira de encarar as coisas traz conseqüências de primeira importância: em particular ela nos leva aos limites do analisável, às modificações do enquadre analítico que poderiam passar por uma transgressão da neutralidade analítica – isso nos reenvia às tentativas clínicas e teóricas de um Ferenczi, por exemplo -. São os tratamentos dos quais não se sai ileso, mas vale a pena, na medida mesma – e na medida somente – onde a **visão** analítica alargada que constitui a visão psicossomática permanece o único parâmetro medindo e dirigindo nossa ação.

Uma observação para concluir: é perseguindo a reflexão teórico-clínica, fazendo trabalhar as articulações entre diferentes vias de busca, das quais não fiz aqui senão destacar certos aspectos, que nós podemos retornar ao modelo psicossomático com um olhar novo e assim validá-lo ou modificá-lo em conseqüência, em um movimento de vai e vem que corre da clínica à teoria e vice-versa., do que nos trazem nossos antecessores à forma pela qual podemos, tendo integrado, tirar proveito de novos avanços. Esta dinâmica não é na verdade o movimento da vida?

Tradução livre: Dra. Eliana Lobo

Essa tradução foi feita para estudo.

Vanguarda e Utopia - Surrealismo e Modernismo no Brasil – Carlos Lima

A Antonio Fraga, poeta de desabrigos

1 - A Aventura Terrestre do Surrealismo

“Nem toda a água do mar bastaria para lavar uma só gota do sangue intelectual” Lautréamont

Nem o caos me ordena nem a razão me desorienta. A mim, uma de minhas loucuras. Nenhum comentário sonolento, nenhuma crítica necrológica arrastando pelos cabelos o sensível cadáver das obras surrealistas, como só os espelhos perversos da crítica sabem fazer. O prodígio, senhores, mas antes é preciso descrever o naufrágio! Sejamos sérios como o prazer. Colocar o espectro vivo do surrealismo dentro dos olhos, dentro das nossas palavras, pois o outono é perigoso como a paixão que nos aniquila; e o surrealismo é a paixão vidente é a paixão absoluta é a verdade que queima na palavra do poeta. O surrealismo é a linguagem desse fogo, é a linguagem da paixão. Coloquemo-nos diante dessa fogueira, procuremos fazer como Benjamin a alquimia da crítica, para percebermos a verdade das chamas. E, se elas nos queimam, tanto pior para quem sofre do fígado. Queimemos o pato da dúvida, não podemos ser mentirosos como os dentistas!

A estética moderna começa com a morte da arte. É do discurso dessa agonia e desse conflito que a modernidade constitui o elemento fundamental. A condenação que Hegel move à arte do futuro, pois no futuro a arte estaria condenada à extensividade da reflexão, é o juízo final; o beijo da morte na tese kantiana do juízo indeterminado e do prazer desinteressado. À arte restaria o seu devir, ou melhor, a sua morte. E se, para Hegel, a arte é uma das faces de deus, a morte da arte compromete o próprio juízo de deus. E, com isto, é a idéia do belo enquanto único suporte da arte que é enterrada. Mas, Hegel foi mais longe na sua estética e sacramentou a função da arte: “O objetivo da arte é o homem (...), a arte reensina ao homem sobre o humano (...), toda arte é uma vitória sobre a barbárie (...)”.

Marx, crítico da dialética hegeliana, fez da teoria do valor a espada que paira sobre a cabeça dos homens no sistema capitalista e que determinaria a base em que se fundamenta toda a prática das relações sociais. Com isto, os homens e os seus produtos, inclusive simbólicos, seriam parte do mundo das

mercadorias no processo global de uma sociedade inteiramente reificada. Portanto, a reificação da sociedade imporia a toda obra de arte o seu caráter de objeto fetichizado. Tanto o valor como o sentido de uma obra seria dado, objetivado, pelo mercado.

Se a arte é a representação sensível da idéia absoluta na forma hegeliana, e, se na modernidade a idéia na sua forma absoluta desaparece, então só resta à representação sensível da verdade, que é a arte, tornar-se a expressão ideológica da sociedade reificada. Aquilo que Hegel vê como o fim ou a morte da arte nada mais é que a ideologia no domínio da representação sensível para Marx. O retorno da arte ao paraíso da idéia absoluta torna-se o sofisma trágico da falsa consciência vencida do artista, que só pode ser vista como a representação de um herói condenado ao vazio ontológico num mundo fetichizado. Nesses limites se dá a verdadeira luta da arte na modernidade: não ser a ideologia da representação reificada nem tampouco a representação reificada da ideologia. A arte estaria condenada a ser a contra-verdade no reino das sombras da ideologia, a negação anti-heróica da morte no campo de extermínio das tautologias vazias do mercado. E, excluída da sua dimensão metafísica, só restará à arte ser a representação determinada do ser como utopia.

Para os surrealistas o poeta é o verbo encarnado, por isso é o autêntico responsável pelo destino da linguagem. Para os surrealistas, a poesia é o mel e o fel da verdade que nos redime da miséria do particular. A poesia é a consciência feita linguagem. E, enquanto linguagem, consciência do ser, e quando se diz consciência se diz universal. E universal porque toma o homem pela raiz, e a raiz para o homem é o próprio homem enquanto ser da liberdade, fundamento e essência do ser da consciência. Da solidão do indivíduo, ele, o poeta, aspira ao ser múltiplo, ao ser em toda a sua humanidade. Todo poema, toda poesia surrealista instaura ou pretende instaurar, a partir do reino da necessidade, o reino da liberdade. Mas a história, como grande teatro da crueldade, nos ensina que o processo de criação poética resulta da oposição aos limites das condições da vida em épocas diversas. Esse processo, portanto, emerge das condições materiais e simbólicas das relações sociais e atravessa o campo e o corpo da linguagem. Dessa forma, à divisão da sociedade em diversas classes corresponde a divisão social da linguagem. Quando falamos em divisão social da linguagem queremos dizer que somente uma parcela de seres privilegiados têm acesso ao discurso poético, por razões que não são propriamente poéticas, mas que são socialmente determinadas. É esse mundo, onde a ação poética fica restrita a poucos, que o terrorismo poético da revolução surrealista tentou explodir. Os surrealistas trabalharam exatamente na transversalidade que procurava ligar arte e vida, sonho e

desejo, revolução e utopia. Tentaram fazer com que a arte enquanto cosmurgia-desejante explodisse o mundo cego da razão autoritária. Com os surrealistas a criação poética deixa de ser objeto da contemplação pura das grandes obras da tradição literária. A poesia tem que nascer de tudo e de todos, inclusive da tradição. É nesse sentido que se deve entender as palavras do poeta Lautréamont: “A poesia deve ser feita por todos, não por um”. Por isso a poesia não pode ser produto da contemplação pura. Ela parte de um risco, um risco justamente contra a tradição, a má tradição. O que os poetas surrealistas nos ensinam é que o bom poema é aquele que coloca precisamente um problema, isto é, coloca mais problemas do que as armas da crítica podem resolver. Só assim tem condições, como afirma Adorno, “de passar além da falsa consciência e de falar aquilo que a ideologia esconde”. A poesia surrealista é essa aventura terrestre no domínio dos sonhos acordados na língua da liberdade. O poeta André Breton escrevia: “a poesia tem que levar a algum lugar”. Hoje nós sabemos que esse lugar, aventura de todo o processo de produção poética, é o Reino da Liberdade - território da utopia do homem como um ser completo.

2 - Surrealismo e Utopia

A Edson Dantas

“A filosofia terá a consciência do amanhã, o princípio do futuro, o saber da esperança, ou não terá saber algum”. Ernst Bloch

“O Princípio Esperança”

A utopia é o coração da modernidade. Somente relacionando a arte com a utopia, e utopia aqui é sinônimo de revolução, é que poderemos compreender a arte do período que nos acostumamos a chamar de modernidade. A luta por um mundo mais justo e uma sociedade livre da maldição da miséria foi a verdade que reuniu os mais importantes artistas, poetas e escritores das mais diversas correntes estéticas da arte no início deste século.

Dos olhos de “Nadja” ao “Camponês de Paris”, os caminhos da revolta entrecruzaram-se com os caminhos da utopia, e os caminhos do surrealismo com os caminhos da revolução. É preciso assinalar que a aventura terrestre do surrealismo fundou a sua ação na construção da utopia concreta de uma literatura livre numa sociedade igualmente livre. Da superação da vanguarda positivista futurista é que o surrealismo consegue elaborar a construção da sua

poética da utopia. Já o primeiro manifesto surrealista afirmava: “Viver ou deixar de viver são soluções imaginárias. A existência está em outra parte”. Amor, Poesia, Liberdade - três palavras incandescentes, prontas para criar o homem novo, a nova mulher, o mundo novo. Mudar a vida, transformar o mundo eram as palavras de ordem dos poetas e artistas no *front* da utopia estético-revolucionária. Revolução na arte, arte a serviço da revolução. Por isso Breton pode escrever: “Liberdade, cor do homem”. Isto é o surrealismo, filho bastardo da França católica e positivista; filho legítimo da Comuna de Paris e dos seus verdadeiros poetas, Rimbaud e Lautréamont, que forneceram os principais elementos da poesia futura e de uma poética da utopia:

- 1) É preciso mudar a vida. (Rimbaud)
 - 2) É preciso reinventar o amor. (Rimbaud)
 - 3) O Eu é um outro. (Rimbaud)
 - 4) É preciso ser absolutamente moderno. (Rimbaud)
 - 5) O poeta tem que se tornar vidente. O poeta torna-se vidente através de um longo, imenso e estudado desregramento de todos os sentidos. (Rimbaud)
 - 6) A poesia deve ser feita por todos, não apenas por um. (Lautréamont)
 - 7) Belo como o encontro fortuito de uma máquina de costura e um guarda-chuva sobre uma mesa de cirurgia. (Lautréamont).
- A estes elementos o surrealismo acrescentará:
- 8) A beleza será convulsiva ou não será. (Breton)
 - 9) O olho existe em estado selvagem. (Breton)
 - 10) Liberdade, cor do homem. (Breton)

Que os surrealistas pretenderam transformar o mundo é mais que sabido. Basta que pensemos o que foi a ação surrealista no domínio da arte deste século. Na poesia, na literatura, na pintura, no teatro, no cinema, o surrealismo sempre esteve a serviço da revolução. Podemos repetir o primeiro manifesto: “nunca o medo da loucura nos fará baixar a bandeira da imaginação”. Tentava-se armar a imaginação poética ou como se afirmava, então, em maio de 68, colocar a imaginação no poder. Essa busca do homem total pelos surrealistas é que levou ao engajamento entre o surrealismo e a revolução, a crença que o socialismo era a utopia concreta e que só no socialismo o homem poderia realizar-se plenamente no século 20. É claro que a adesão apaixonada à revolução socialista criou problemas para o surrealismo, iniciando a primeira ruptura do grupo. É necessário ressaltar o caráter do grupo surrealista como um coletivo, superando os limites das vaidades individuais tão características à arte burguesa. Era como um coletivo que as suas ações se exprimiam, seja através dos manifestos ou exposições. Como não pensar aqui no “intelectual coletivo”

gramsciano! A ação dos surrealistas na Associação dos Escritores e Artistas Revolucionários (AEAR) foi das mais conflitantes. Os surrealistas não apoiaram o pacto franco-soviético e ao mesmo tempo aproximaram-se da facção pró-Trótski, o que tornou o Congresso dos Escritores para a Defesa da Cultura, realizado em 1935, bastante tenso. A tensão entre comunistas e surrealistas acabou resultando no suicídio do poeta René Crevel. Assim como foram os surrealistas os primeiros a condenarem os crimes dos processos de Moscou. Apesar das dissidências e das críticas ao PCF, os surrealistas nunca excluíram de seus planos o sonho da revolução socialista e a paixão pela utopia. Basta analisarmos a colaboração entre Breton e Trótski e o manifesto “Por Uma Arte Revolucionária Independente”, redigido pelos dois no México em 1938. Por isso em “Legítima Defesa”, Breton podia escrever “não há ninguém entre nós que não deseje a mudança do poder das mãos da burguesia para as mãos do proletariado”.

O sentido da escrita automática surrealista teria como intenção passar além da linguagem reificada, constituindo por superação dialética uma nova linguagem. Segundo Henri Béhar, “há no surrealismo uma nostalgia rousseuniana de uma linguagem original”; e Breton em 1953 afirmará de forma irredutível: “é hoje notório que o surrealismo enquanto movimento organizado tem sua origem numa operação de grande envergadura sobre a linguagem. Era necessário para isso arrancá-la do seu uso utilitário, único meio de libertá-la e restituir todo o seu poder”. E poeticamente concluirá: “no surrealismo as palavras fazem amor”. Ainda uma vez, o eco da alquimia do verbo rimbaudiana se faz sentir. Podemos também medir a ação surrealista pela influência que exerceu em outros autores, particularmente em Walter Benjamin que afirmava: “Numa formulação mais concisa e mais dialética: o domínio da poesia foi implodido, na medida em que um grupo de pessoas intimamente ligadas levou a ‘vida poética’ até as últimas conseqüências”. Benjamin foi o primeiro filósofo a perceber o vulcão surrealista, já em 1929 escrevia as linhas acima; e o impacto que o surrealismo exerceu sobre ele está presente na “Obra das Passagens” a que ele dedicou a maior parte da sua vida. Segundo ele mesmo relata, esta obra teria se originado da leitura de dois livros mágicos do surrealismo: “Nadja” de Breton e “O Camponês de Paris” de Aragon. O surrealismo, enquanto a última mitologia da modernidade, tornou-se o elemento deflagador para Benjamin elaborar a sua arqueologia da modernidade. Podemos afirmar, sem temor acadêmico, que Benjamin foi o primeiro filósofo do surrealismo. Ele próprio escrevia que “para dar conta do surrealismo seria preciso fazer uma história esotérica da modernidade”. E ainda conclui: “No momento os surrealistas são os únicos a terem compreendido o significado atual do manifesto comunista”. A importância do surrealismo fica ainda mais expressa quando recorremos ao

peruano José Carlos Mariátegui, que em 1930 escrevia: “Nenhum dos movimentos literários e artísticos de vanguarda da Europa ocidental teve a significação nem o conteúdo histórico do surrealismo. Os outros movimentos se limitaram à afirmação de alguns postulados estéticos, à experimentação de alguns princípios artísticos; mas a maior recusa dos surrealistas é quanto a não se confinarem voluntariamente na pura especulação artística. Autonomia da arte, sim; mas não clausura da arte. Nada é mais estranho ao surrealismo que a arte pela arte”. Podemos, então, estabelecer uma ponte que parte do Manifesto Comunista, passa pela Carta do Vidente de Rimbaud e chega aos Manifestos Surrealistas; e, com base nestas reflexões, concluir que os manifestos surrealistas representam para a arte e a literatura o que o manifesto comunista representa para a política e as ciências humanas. Os surrealistas são os herdeiros desta tradição da revolta que reúne Marx, Rimbaud e Lautréamont; não estão interessados em explicar o mundo, mas em transformá-lo. A alquimia do verbo surrealista é o lugar e a fórmula, a única a ter a chave deste balé selvagem. Ao pretenderem criar o homem novo criaram uma nova arte e uma nova moral. Basta que citemos o “Amor Louco” de Breton: “Amor, único amor que existe, amor carnal, eu nunca deixei de adorar a tua sombra mortal. Chegará o dia em que o homem saberá te reconhecer como único senhor e te honrar até nas tuas misteriosas perversões”. O surrealismo sempre declarou a sua indignação e o seu não-conformismo para com a sociedade burguesa e o sistema capitalista. Paul Eluard numa conferência dirá: “É chegado o tempo em que todos os poetas têm o direito e o dever de sustentar que estão profundamente entranhados na vida dos outros homens, na vida comum”. Qualquer relação de poetas surrealistas mostra que eles estão entre os mais importantes da literatura deste século. “Sempre” surrealistas: André Breton, Louis Aragon, Paul Eluard, Tristan Tzara, Phillipe Soupault, Benjamin Péret, Robert Desnos, Antonin Artaud, René Crevel, René Char, Raymond Queneau, Jacques Prévert, Jacques Rigaut, Maxime Alexander, Aimé Césaire. E, depois da guerra, juntar-se-ão, Malcolm Chazal, Joyce Mansour, Jean-Pierre Duprey, Jose Pierre, Jean Schuster, Gerard Legrand, Sarane Alexandrian, Jean-Louis Bédouin, Daniel Abel, Maurice Blanchard, Vincent Bounoure, Joe Bousquet, Guy Cabanel, Hervé Delabarre, Élie-Charles Flamand, Maurice Heine, Jacques Hérold, Radoyan Ivsic, Petr Kral, Dominique Legrand, Gisele Prasinós, Roger Méyere, René Nelli, Gerard Neveu, Stanilas Rodanski, Danielle Sarréra, Claude Tarnaud, Jean Thiercelin, Frédéric Tristan, Marianne Van Hirtum, Michel Zimbarca. Como escreve Jean Schuster, “a arte só pode ser digna deste nome quando revolucionária, exercendo uma ação violenta sobre os seres e as coisas”.

A chave da pintura surrealista é a sentença com que Breton, em 1928, inicia o seu livro *O Surrealismo e a Pintura*: “O olho existe em estado selvagem”. É daí que partem os exploradores dos sonhos e das paisagens oníricas com os olhos encantados, a nostalgia do infinito, os prazeres iluminados pela mulher de cem cabeças. A principal obra sobre a pintura surrealista continua sendo o livro de Breton. Juntam-se a este as obras de Patrick Waldberg, Jacques Baron, José Pierre, René Passeron, Sarane Alexandrian e Ragnar von Holten. Numa anotação sumária podemos alinhar na pintura surrealista: Giorgio de Chirico, Max Ernst, Man Ray, André Masson, Marcel Duchamp, Salvador Dali, Yves Tanguy, René Magritte, Paul Delvaux, Félix Labisse, Hans Belmer, Roland Penrose, Augustin Lesage, Clovis Trouille, Joseph Crépin, Wilhelm Freddie, Victor Braune, Oscar Dominguez, Wolfgang Paalen, Ashile Gorky, Wilfredo Lam, Eugenio Granell, Kurt Selegmann, Jean Benoit.

Nenhum movimento artístico conheceu o culto da mulher de forma tão concretamente avassaladora como o surrealismo: “A grande mulher cresce. Agora o mundo é o seu retrato, o que ela ainda não reuniu em torno do seu corpo, o que não foi incorporado ao seu prazer, a muito custo é perdoado pelo meu delírio. E o que se esfuma, esta enevoadada realidade fugidia, reduz-se ao acessório do seu retrato. Ela cresce. O céu já se modificou graças a essa feiticeira. Os cometas desabam por causa da desordem de seus cabelos. Suas mãos, mas tudo o que eu toco participa sempre das suas mãos. Eu sou apenas uma gota de chuva sobre a sua pele orvalhada (...) Já que ela me ama, meu oceano. Passa sobre meus punhos, água como lágrima, mulher sem limite na qual estou inteiramente afogado. Passa através meu céu, meu silêncio, meus véus. Que meus pássaros se percam nos teus olhos. Mate, mate: eis minhas florestas, meu coração, minhas fugas. Minhas mitologias. Minhas calamidades. A desgraça. E no zodíaco em que me perpetuo, devasta enfim, lindo monstro, essa carne selvagem iluminada”. Essa é a voz do Camponês de Paris de Aragon, mas poderia ser a de qualquer outro poeta surrealista. E, como os surrealistas não viam a mulher oculta numa floresta, a mulher tornou-se uma fatalidade visível. E, lembrando Queneau, nós nas artes amamos as musas e as musas amam as artes; por isso no mundo da arte surrealista figuram grandes mulheres espectrais: Leonora Carrington, Dorothea Tanning, Toyen, Valentine Hugo, Leonor Fini, Frida Khalo, Judith Reigel, Yahne Letourmellin, Niki de Saint-Phalle e Maria Martins. Nas barricadas da Poesia, do Amor, da Liberdade - TUDO É SEMPRE POSSÍVEL: “Quem é? Ah, sim, faça entrar o infinito”.

3 - A Miséria da Utopia no País do Futuro

A Moacyr Félix, poeta da utopia

“O amor existe. Mas anda de automóvel”

Mário de Andrade

A relação dos poetas brasileiros com o surrealismo ou uma possível influência do surrealismo na literatura brasileira envolve duas questões. A primeira é de ordem estético-cultural. A segunda é de ordem político-ideológica. As duas formam uma síntese do que foi a relação da prática conservadora da igreja com o pensamento autoritário no domínio do estado nos anos entre 1920/1945 e a sua ação, influência e conseqüências na poesia e na cultura brasileira desse período.

Na década de 20, poetas e artistas brasileiros cerram fileira contra o academicismo e o conservadorismo que impregnavam a arte e a cultura brasileira. É o momento da ruptura com o passadismo cultural, “a revolta contra o que era a inteligência nacional”, que culmina na Semana de 22 e adjacências. Participam da semana, entre muitos outros, Mário de Andrade e Oswald de Andrade, que se tornaram os maiores expoentes do nosso modernismo. Oswald de Andrade, filho mimado de uma rica e tradicionalista família paulista, mantém com a cultura européia, principalmente francesa, laços de proximidade, sempre renovados através de inúmeras viagens a Paris. Tanto que mais tarde escreverá que foi do alto do seu apartamento na praça Clichy que descobriu o Brasil. Essa descoberta antropofágica era a devoração do poeta-pirata Blaise Cendrars e o que havia de melhor na cultura moderna francesa. A devoração oswaldiana era pré-surrealista, pois Cendrars estava ligado ao dadaísmo de Zurich. Oswald, portanto, vai ser um tanto refratário ao surrealismo quando este eclode em Paris em 1920/24. Oswald, que era um mestre em devorações, não compreendeu que o surrealismo havia devorado o dadaísmo. Já no caso de Mário de Andrade, o que nós temos é um verdadeiro “seqüestro da inteligência” do que melhor produzia a cultura moderna. Mário, que jamais saiu do Brasil, viajava a bordo das melhores revistas européias, estava a par de tudo o que se passava, seja na Alemanha expressionista, na Itália futurista, na Suíça dadaísta ou na França cubista ou surrealista. Podemos contemplar essas viagens, através das diversas citações em seus textos da época, principalmente *O Prefácio Interessantíssimo* e *A Escrava que não é Isaura*. Este último é o primeiro tratado de poética moderna escrito no Brasil, e nele notamos a referência de vários nomes ligados ao surrealismo. Mário inicia o ensaio com uma fábula sobre a poesia onde o personagem principal é Rimbaud, que como vimos é uma das chaves determinantes para entender o surrealismo e a poética da modernidade. E no mais importante parêntese da história da poesia brasileira ele nos diz: “Parêntese - Não imitamos Rimbaud. Nós desenvolvemos

Rimbaud. ESTUDAMOS A LIÇÃO RIMBAUD”. E fecha o histórico parêntese. Depois vemos aparecer, Aragon, Tzara, Picasso, Cocteau, Eluard, Apollinaire, Soupault, e, ainda de quebra, Maiakóvski, Marina Tvestaieva e Vicente Huidobro. Mário numa sentença iluminadora nos adverte: “É PRECISO EVITAR MALLARMÉ!”. Advertência que no Brasil muito poucos entenderam. Entre a poética fria das analogias de Mallarmé, Mário escolheu desafiadoramente o caminho da poética da revolta e da utopia do poeta Rimbaud. Nenhuma palavra sobre Breton que, no mesmo ano em Paris, publicava o primeiro manifesto do surrealismo, e fazia de Rimbaud o ponto de partida de uma nova poética que juntava poesia e utopia. O nosso tupi tangia o seu alaúde, afinado na mesma escala da utopia. Mas, uma questão era mais importante para Mário, era abraçar o menino Rimbaud, fazer uso brasileiro da alquimia do verbo descoberta por Rimbaud. Com isso Mário procurava criar uma vacina contra o complexo de bastardia cultural do brasileiro. Daí, Mário ficar reticente em relação a Breton. Ora pinhões! Ele, Mário, tinha chegado às mesmas descobertas, aquilo que ele chamou de “Polifonia Poética”. E ainda mais: 1o) “Respeito à liberdade do subconsciente”. 2o) “O poeta reintegrado na vida do seu tempo”. Mas, em 1930, numa crônica no Diário Nacional, Mário já advertia: “Me dirão que o Sobre-realismo é individualista também. Não é mais. Está além do individualismo. E mesmo que fosse, conservaria sempre o grande mérito social de ter colocado o problema da Poesia nas suas bases verdadeiras, libertando-a da arte, colocando-a pra fora da arte, libertando-a definitivamente de todos os cacoetes, tecnicismo, que a confundem com a presa intelectual: polêmica, romance, caso de esquina. E se não fosse assim o Sobre-realismo não seria um fenômeno tão tipicamente da época como é. Não sei se ele perdurará por todos os séculos, porém tocar a identidade do futuro é banzar dentro do ofício das pitonisas, não me interessa. O fato é que o Sobre-realismo veio assegurar definitivamente à poesia uma realidade, uma entidade que ela nunca teve. Nascido do desgosto legítimo por essa inenarrável enfermidade do indivíduo que é a “segunda intenção”, ele possui uma lindíssima pureza moral. E se nem todos os sobre-realistas são assim, como demonstraram faz pouco os sucessos de França, a culpa não é do Sobre-realismo. Porque com ele e sem ele, sempre existirão neste mundo os aproveitadores macacões. Além disso o Sobre-realismo é uma tendência coletiva, ajunta, socializa. Tem essa coisa admirável que nós, os modernos do Brasil, na infinita maioria fizemos o impossível pra não ter, o espírito de grupo, o ideal comum”. Era a estética do interesse, da qual Mário foi o grande e perigoso defensor em sua obra e sua vida enquanto intelectual, até ser obrigado a beber a cicuta da ditadura do Estado Novo. Era perigoso demais para o Brasil um poeta que pensava. Platão também havia expulsado os poetas da sua República. É essa farmácia

andradina, que anos depois tornou-se o alvo de destruição da chamada geração de 45.

Agora, a questão político-ideológica: em resposta à revolução soviética, o pensamento conservador no Brasil organizou-se em duas frentes. Uma delas foi a fundação em 1922 do Centro Dom Vital, por Dom Sebastião Leme. Já no ano anterior, Jackson Figueiredo havia criado a revista *A Ordem*, órgão de divulgação do pensamento católico. Durante os anos 20/40 é intensa a cooptação de intelectuais pela igreja. Seja através da Ação Católica dirigida pelo Centro Dom Vital tendo à frente o jesuíta Leonel Franca, seja através do Instituto Ozanam em São Paulo, que fizeram valer o ditado: a República vale uma missa. Em 1931, Getúlio Vargas e Dom Sebastião Leme convertem N. S. da Aparecida na padroeira do Brasil. No mesmo ano o Cristo Redentor é inaugurado e passa a abençoar erecto do alto do corcovado a Capital Federal. À república positivista sucede a república de batina. Essa conjuntura litúrgica ligada ao pensamento autoritário desenvolvido por Cândido Mota Filho, Miguel Reale, Azevedo do Amaral, Afonso Arinos, Octávio de Faria, que pregavam um estado forte para deter o avanço do comunismo, culmina na ditadura do Estado Novo. Compreende-se porque o surrealismo foi vetado no Brasil. Num primeiro momento o surrealismo não interessou aos “espíritos” brasileiros, porque pregava a anarquia da beleza, a anarquia do amor e do estado burguês. No segundo momento tornou-se muito mais perigoso, porque aderiu ao PCF de carteirinha e tudo mais. Daí, a condenação do surrealismo no Brasil. Para ilustrar essa condenação, basta citar o caso do poeta surrealista Benjamin Péret expulso do Brasil por decreto. Rezava o decreto: “O chefe do governo provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, considerando que o francês Benjamin Péret, conforme foi apurado pela polícia desta capital, se tem constituído elemento nocivo à tranquilidade pública e à ordem social, resolve expulsá-lo do território nacional. Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1931, 110o ano da Independência e 43o da República. (Ass.) Getúlio Vargas, Oswaldo Aranha”. Com o que foi visto, constatamos que o surrealismo foi expulso do Brasil por decreto.

Nesses anos o porta-voz da poesia brasileira passa a ser o poeta e editor Augusto Frederico Schmidt, “o inventor do câmbio negro literário”, segundo o mestre em canibalismo Oswald de Andrade. A ditadura do Estado Novo encontra em Schmidt o seu correspondente literário, pois na poesia deste urde-se um golpe contra as conquistas estéticas do modernismo brasileiro. E Mário de Andrade, o homem que deu o grito do Ipiranga da nossa cultura, punido pelos serviços prestados à cultura brasileira, começa a ser assassinado culturalmente pela ditadura de Vargas. Mário no seu ensaio “A Volta do Condor” escrito em 1941, vaticinava sobre esta geração liderada por Schmidt: “O

misticismo de tais poetas não deriva de nenhum sistema orgânico, é na verdade, sentimentalismo. Estamos vivendo de arroubos místicos, em que se percebe bastante malícia e alguma perversão. Uma literatura mórbida... A bíblia foi largamente devastada... ninguém pode mais falar na pedra do meio do caminho, no beco e no sorriso de Bilú - essas vulgaridades. Tudo se enloqüentizou, o beco virou caminho perdido, a pedra virou túmulo vazio. E se deu a perigosa substituição de Bilú pelo Amado, pelo Amor Desconhecido, pela Noiva Ausente, por Eros-Cristina, por Ariana, mulher da primeira fase de Vinícius de Moraes, e mais uma notável freqüência de maiúsculas... Mas não há como negar que é toda uma criação nova de condores, de que os discípulos estão usando e abusando, renegando a poesia do pequeno e do chão, na sua crença de que com isso é que se faz grande poesia. Se os criadores deste condoreirismo nos deram algumas admiráveis formas líricas, estas formas já viraram assombrações. E hoje está se fazendo uma poesia de elefantíase verbal, tão carregada de Sentido (com maiúscula) que o sentido se amassa, se rompe todo. No modernismo os poetas menores davam raiva. Os de agora dão medo... Onde iremos parar com este convencionalismo do profundo, que tudo reduz à Morte, a Deus, à Amada Ausente... Quem não traz Deus, a Morte, a Amada na sacola, não pode mais distribuir versos nesse mundo”.

Com toda essa água benta descrita por Mário, fica patente a impossibilidade da permanência do surrealismo naquele momento em terras brasileiras. A influência surrealista no Brasil dos anos 30/40 ficou praticamente restrita à obra fulgurante de Flávio Carvalho e a ação do Club dos Artistas Modernos (CAM), onde a polícia também interveio como foi o caso do Teatro Experiência em 1933, quando do “Bailado do Deus Morto”. Mas a maior marca do surrealismo nesta época está presente na obra explosiva e transgressora de Maria Martins, cuja obra escultórica é uma das mais brilhantes de todo o surrealismo; e que a crítica brasileira fez e faz questão de ignorar. Em Ismael Néri, Jorge de Lima e Murilo Mendes, vemos a influência surrealista se dissolver num catolicismo radical, que pretendia restaurar a poesia em Cristo. É difícil relacionar a beleza convulsiva bretoniana com os versos de Jorge de Lima: “Senhor Jesus, o século está podre./ Onde é que vou buscar poesia?”. Todos os três são grandes artistas, mas não têm nada a ver com o surrealismo! A geração que sai da ditadura de Vargas ainda tem como patrono Frederico Schmidt, esse Átila do modernismo, de quem Mário ainda escreveu: “De Schmidt, pode-se dizer que atirou no que viu e matou o que não viu (...). A sua poesia é um convite à procissão”. Essa procissão ficou conhecida como “Geração de 45”. E os seus poetas se transformaram nos jesuítas da poesia brasileira, pregando a ressurreição do soneto e articulando o que podemos chamar de vingança formalista contra a poesia do modernismo. É no Clube de

Poesia de São Paulo que essa geração teve a sua igreja: Péricles Eugênio da Silva Ramos, Domingos Carvalho da Silva, Ledo Ivo, Darcy Damasceno, entre outros, faziam parte dessa cruzada contra a utopia modernista. Três jovens poetas também faziam parte dessa igreja: Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos, os quais irão formar alguns anos mais tarde a santíssima trindade da poesia concreta no Brasil, radicalizando a vingança formalista contra os ideais estéticos de 22.



Em termos gerais podemos concluir que o conservadorismo da geração de 45 venceu as propostas utópico-estéticas do modernismo, porque encastelando-se em abstrações formais afastou a poesia do público leitor criando uma verdadeira aversão a qualquer tipo de poesia. No caso da chamada poesia concreta em particular, apesar da hegemonia político-cultural do grupo, hegemonia essa garantida pelo acesso e participação nos meios de comunicação, certamente os seus poetas terão o direito de passar à história da poesia brasileira apenas como os inventores da poesia de marketing no Brasil. No mais, o concretismo foi luckasianamente a quarta-feira de cinzas da geração de 45 e croceanamente foi o ocaso do verso na eutanásia da poesia. O melhor juízo sobre o concretismo continua sendo a definição de Cacáso: “O concretismo foi o Al. 5 da poesia brasileira”. A bandeira do surrealismo no Brasil terá que esperar pelo menos até a década de 60 quando, então, novos poetas e artistas, principalmente do Rio e de São Paulo, ressuscitarão a fênix do surrealismo e do modernismo brasileiro. Como ponto final deste ensaio fiquemos com as palavras de Mário de Andrade em 1942: “Será que a liberdade é uma bobagem? (...) Será que o direito é uma bobagem? (...) A vida humana é que é alguma coisa a mais que ciências, artes e profissões. E é nessa vida que a liberdade tem um sentido, é o direito dos homens. A liberdade não é um prêmio, é uma sanção. Que há de vir.”

***Carlos Lima** é poeta e professor de História da Cultura Brasileira no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.
